

A IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO NA EDUCAÇÃO E IMPLICAÇÕES PARA A POPULAÇÃO NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Paulo Martins Dias¹⁴⁸

Resumo

O artigo "A Ideologia do Branqueamento na Educação e Implicações para a População Negra na Sociedade Brasileira"; visa contribuir para a aquisição de conhecimento étnico-cultural para a população brasileira, principalmente para educadores. Mostra-se a ideologia na concepção marxista: um instrumento de dominação na sociedade. Especifica-se a investigação do "branqueamento" em educação em nossa sociedade. Percebe-se isso nas relações interpessoais e em vários aspectos sociais como o econômico, político e cultural.

Palavras-chave: Ideologia; branqueamento; educação; negro; sociedade.

Abstract

The article "The Ideology of Whitening in Education and Implication for the Black Population of the Brazilian Society". We aim to contribute to the acquisition of knowledge for ethnic and cultural population, especially for educators. Show a history of ideology with the opinions of various authors. Specify the investigation of "whitening" in education in our society. It is noticed that the interpersonal relationships and with various social aspects such as economic, political and cultural.

Keywords: Ideology; whitening; education; black; society.

¹⁴⁸Graduado em Filosofia pela PUCCAMP (1984), graduação em História pelo Centro Universitário Amparense (1986), graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Amparense (1988) e mestrado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (1994). Atualmente é vice-diretor educacional da Prefeitura Municipal de Campinas-SP. Área de Pesquisa: Educação. E-mail: pamardi@ig.com.br

Introdução

Ao pesquisar o tema: “A Ideologia do Branqueamento na Educação e Implicações para a População Negra na Sociedade Brasileira” pretende-se entender a ideologia como um instrumento de força atuante na vida das pessoas socialmente. Demonstra-se que a ideia de branqueamento pode ser percebida claramente, na sociedade brasileira.

A educação é a fonte de realização do presente trabalho, é um dos setores da sociedade em que visualizamos a ideia de branqueamento.

Quanto aos objetivos para o trabalho em questão, pretende-se constatar a existência da ideologia do branqueamento e consequências, e como atua no meio social, principalmente na educação; objetiva-se também proporcionar contribuição de conhecimento sobre as relações étnico-culturais para a população negra, aos educadores, estudantes e para a toda a comunidade escolar.

A descrição do presente artigo está sendo organizada da seguinte forma:

- Ideologia na concepção marxista
- A ideologia do “branqueamento”
- A ideologia do “branqueamento” na educação
- A Democracia racial
- Implicações da ideologia do “branqueamento” para a população negra

brasileira

Ideologia na concepção marxista

A ideologia vista na concepção marxista é expressa como: “um dos instrumentos usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados” (CHAUÍ, 1982, p. 86).

A ideologia nasce para fazer com que os homens criem que suas vidas são o que são em decorrência da ação de certas entidades (A Natureza, os deuses ou Deus, a Razão ou a Ciência, a Sociedade, o Estado) que existem em si e por si e às quais é legítimo e legal que se

submetam. Ora como a experiência vivida imediata e a alienação confirmam tais ideias, a ideologia simplesmente cristaliza em “verdades” a visão invertida do real. Seu papel é fazer com que no lugar dos dominantes apareçam ideias “verdadeiras”. Seu papel também é o de fazer com que os homens creiam que tais ideias representam efetivamente a realidade”. (CHAUI, 1982, p. 87). “A ideologia consiste na transformação das ideias da classe dominantes em ideias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das ideias) (CHAUI, 1982, p. 93-94).

Conforme Antônio Joaquim Severino:

Para Marx, ideologia é a forma de representação, no plano da consciência, que serve para mascarar a realidade fundamental, que é de natureza econômica. A classe racial dominante oculta seus verdadeiros propósitos, servindo-se para isto da ideologia (SEVERINO, 1986, p. 8).

“A ideologia se dá quando a consciência passa a ilusão de que as ações humanas decorrem de decisões livres e soberanas, não vendo sua vinculação à realidade social” (SEVERINO, 1986, p. 9).

Em síntese, para Marx, a ideologia é toda forma de pensamento teórico, cujo conteúdo se constituiu de representações ilusórias do real objetivo, apresentadas como correspondendo aos interesses universais, mas correspondendo de fato aos interesses particulares das classes sociais e elaboradas com a finalidade de justificar o exercício do poder político sobre as outras classes ou grupos em decorrência do exercício do poder econômico fundado no domínio da propriedade privada (SEVERINO, 1986, p. 10).

Em Althusser, pode-se constatar que para Marx, ideologia é “o sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” (ALTHUSSER, 1970, p. 69).

Para Althusser, é através dos Aparelhos Ideológicos de Estado que a ideologia funciona. Portanto, são Aparelhos Ideológicos de Estado:

O AIE religioso (o sistema das diferentes Igrejas), o AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares), o AIE familiar, o AIE jurídico, o AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos), o AIE sindical, o AIE da informação (imprensa, rádio-televisão, etc.) (ALTHUSSER, 1970, p. 43-44).

Em Althusser, “Na ideologia, o que é representado não é o sistema das relações reais que governa a existência dos indivíduos, mas a relação imaginária destes indivíduos com as relações reais em que vivem” (ALTHUSSER, 1970, p. 77-82). Neste sentido, uma ideologia existe sempre num aparelho, e na sua prática ou suas práticas. A ideologia interpela os indivíduos como sujeitos. Desta forma, só existe ideologia pelo sujeito e para sujeitos. O que se passa de fato na ideologia parece, portanto passar-se fora dela. É por isso que aqueles que estão na ideologia se julgam por definição fora dela: um dos efeitos da ideologia é denegação prática do caráter ideológico da ideologia, pela ideologia: a ideologia nunca diz “sou ideológica” (ALTHUSSER, 1970, p. 101). Pode-se entender que a ideologia procura ocultar a realidade vivida pelos homens, porém negando sê-la quem oculta tal realidade.

A ideologia do “branqueamento”

A ideologia do “branqueamento” tem como referência Thomas E. SKIDMORE: a teoria brasileira aceita pela maior parte da elite de 1888 a 1914 e a “Tese do branqueamento” (SKIDMORE, 1976, p. 81).

A tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca às vezes, pelo uso dos eufemismos raças ‘mais adiantadas’ e ‘menos adiantadas’ e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro - a população negra diminuiria progressivamente em relação à branca, por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo - a miscigenação produzia ‘naturalmente’ uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte em parte devido as pessoas procurassem parceiros mais claras do que elas. (A imigração branca reforçaria a resultante predominância branca) (SKIDMORE, 1976, p. 81).

Obviamente, conclusão otimista dessa análise racial repousava sobre uma afirmação básica: a de que a miscigenação não produzia “degenerados”, mais uma população mestiça sadia capaz de tornar-se sempre mais branca, tanto cultural quanto fisicamente” (SKIDMORE, 1976, p. 81).

João Batista de Lacerda, que foi o único latino-americano a apresentar um relatório (OS MESTIÇOS DO BRASIL) no I Congresso Universal de Raças, em Londres em 1911; declarou que os “mestiços “obviamente inferiores aos negros” como “mão de obra agrícola”, tendo “pouca resistência às moléstias”; sua superioridade consistia, na sua opinião, em estarem “física e intelectualmente muito acima do nível dos pretos” (SKIDMORE, 1976, p. 82).

Todavia, Florestan Fernandes, em seu livro: O negro no mundo dos brancos; comenta sobre uma superioridade biológica do negro, porém, entendida como aparente superioridade do negro, porque em se tratando da posição social que inferioriza o negro, tal superioridade, de fato, trata-se de inferioridade para o próprio negro visto em sociedade.

A superioridade biológica e a posição social do negro: A superioridade biológica do negro, na tradição oral, refere-se a uma resistência física, longevidade e capacidade para trabalhos brutos. A análise das representações coletivas que significam uma superioridade biológica do negro pode ser feita, fecundamente, na paremiologia e em algumas quadrinhas do nosso folclore. A análise do material recolhido mostra que se trata de uma superioridade apenas aparente, pois os traços que poderiam caracterizar o negro como ser superior são aqueles que simbolizam uma verdadeira inferioridade e que definem a “besta”. Em se tratando de trabalhos de raciocínio, logo aparece o branco para dirigir o preto e mandar nele (FERNANDES, 1972, p. 205-206).

Pode-se notar que o branqueamento existe desde muito tempo, além de sê-lo presente nos dias atuais. A teoria da evolução das espécies e a sobrevivência dos mais aptos de Charles Darwin (1809-1882), um notável antiescravista, foi deturpada para servir sistema. Os escravistas usaram a teoria para demonstrar que uma das “espécies humanas” não evoluiu – a “espécie negra” (CHIAVENATO, 2012, p. 152). Gobineau, amigo de Pedro II, afirmava que os brasileiros não eram capazes de produzir nem reproduzirem. Para ele a única saída do Brasil seria purificar-se com o sangue europeu, para eliminar a “mistura” do negro (CHIAVENATO, 2012, p. 153).

De certa forma, no pensamento abolicionista pode-se constatar a presença do branqueamento racial. De modo geral, os abolicionistas brasileiros falando sobre o papel da raça na História previam um processo “evolucionista” com o elemento branco

triunfando gradativamente. A imigração europeia teria dois motivos básicos: obter mão-de-obra e acelerar o processo de “branqueamento” no Brasil. José do Patrocínio, um mulato, argumentava que o Brasil era mais abençoado historicamente que os Estados Unidos... “porque a colonização portuguesa, em vez de haver procurado destruir as raças selvagens, as assimilou, preparando-se assim, para resistir à invasão assolada do preconceito de raças” (SKIDMORE, 1976, p. 40).

A ideologia do “branqueamento” na educação

Em o livro: Preconceito e autoconceito: identidade e interação na sala de aula, Ivone Martins de Oliveira, argumenta que “o branquear”, “clarear a pele”, persiste até os dias atuais intervindo no direcionamento das relações raciais (OLIVEIRA, 1994, p. 92). Para o branco da época pós-abolicionista, a ideologia do branqueamento implicava a possibilidade de uma sociedade mais “pura”, “bela”, “superior”, como a do “velho mundo”. Por outro lado, para o homem com traços físicos de negritude, livre, discriminado e marginalizado, sem possibilidade de ser aceito e de ascender social e economicamente em uma estrutura dominada por “brancos” – quanto maior o nível de embranqueamento maior a possibilidade de integração à estrutura social e econômica emergente ao fim da escravidão no país (OLIVEIRA, 1994, p. 93). Essa autora, a OLIVEIRA, observa que: de um modo geral, os profissionais que trabalham na Educação têm abordado questões relativas à não-aceitação do aluno por parte de “si próprio” ou de aspectos de “si próprio” como altamente prejudiciais ao desenvolvimento de uma personalidade “sadia”. Seja por considerar que interferem em seu desempenho como aluno, seja por considerar que dificultam seu desenvolvimento como “pessoa”, defendem que essas questões (problemas) devem ser trabalhadas pela escola (OLIVEIRA, 1994, p. 95).

A atribuição de superioridade ao branco tem suas raízes na escravidão, que enquanto rebaixava o negro, escravo; exaltava o branco, senhor de engenho. Sendo assim, o ideal de beleza, de sucesso seria associado com a ideia de brancura, levando a concluir que o melhor seria branco. Adotada a ideia de branco como sucesso; relação

entre negro e branco na educação, na família, na escola formal e em diversos outros meios de convívio social seria voltada para forçar a criança negra a perder suas características próprias para obter características do branco.

“O fato de os pais estarem sempre procurando, inconsciente ou conscientemente, se embranquecer, gera na criança uma perda ou desvalorização do seu eu” (CUNHA JÚNIOR; LUIZ; SALVADOR, 1979, p. 70). Possivelmente essa maneira de educação acaba acarretando para a criança insatisfação, passividade e ao mesmo tempo uma vida cheia de conflitos.

SER NEGRO no Brasil é uma das coisas mais cruéis que existe na face da terra, porque é viver em conflito permanente: dentro da família, no meio social, no meio cultural, no meio profissional. É muito difícil conseguir se sair bem, conciliando vida pessoal, social e profissional (LOPES, 1987, p. 38-39).

Em nossa sociedade, a experiência da escola, normalmente tem sido traumática para as crianças negras. Sendo a escola vista como um instrumento de reprodução das relações sociais, procura manter a superioridade do branco e a inferioridade do negro. Ideologicamente o professor é forçado a ser ligado à classe dominante. Exercendo o papel de agente da hegemonia dessa classe dominante o professor acaba produzindo o que lhe é exigido socialmente, formando um padrão de ser humano que corresponde ao homem ideal, limpo, calmo, obediente nas tarefas e branco. As formas pelas quais a discriminação racial se processa e se mantém na escola são sutis. A maneira de educar inculcada nos professores, principalmente primários, atribui às crianças negras e pobres a condição de problema. Acontece que na escola é difícil para a criança negra entender e ser entendida. Não é raro, é tratada como inferior no rendimento escolar; não levando em conta o preconceito e a discriminação racial no processo de aprendizagem. Se a criança destaca, é considerada como diferente, como exceção. Embora sendo de maneira velada o problema racial em nossa sociedade existe. Se verificarmos os livros didáticos tais como, de Comunicação e Expressão, Matemática, História, Educação Moral e Cívica, os Manuais de Catequese, etc.; podemos constatar com se constitui a discriminação do negro em nossa sociedade. O livro didático atinge alunos negros e brancos, porém reforçando a

imagem de que os negros são seres menores e os brancos superiores. De modo geral, a marginalização dos negros em nossa sociedade não é vista como consequência de um processo Histórico, mas sim tendo a própria raça negra como causa dessa situação. Os negros são considerados malandros, preguiçosos, com pouca inteligência, pobres, inferiores...

Nos livros didáticos, a negatividade contra os negros quando não é revelada explicitamente nos textos, pode ser percebida nas ilustrações. No ensino da História, geralmente os heróis são brancos, passando assim, para a criança negra a ideia de que ser importante é o outro e não ela.

A sociedade dominante, através dos livros didáticos, pretende perpetuar mitos e estereótipos de que nós, negros, como incapazes, somos algo negativo, que não presta que só faz o mal. Ser negro é feio. Branco é que é bonito. Branco é que é capaz. Branco é o que pode chegar a “ser” nesta sociedade. Então, é o branco que aparece como doutor, general, comerciante, dentista e até professor, mesmo sendo uma profissão mal remunerada, pois é uma profissão que se conquista através de bancos escolares. Então, nós negros, também não aparecemos como professores (TRIUMPHO, 1987, p. 94).

Na educação, pode-se perceber demonstrações do “branqueamento”, como por exemplo, através do livro didático de História do Brasil, pode-se notar:

O Compêndio de História do Brasil, reforça a teoria do “branqueamento” quando sutilmente, após a Abolição de 1888, deixa de expor as imagens positivas do negro, como líder e rebelde (qualidades que refletem interesses favoráveis a população negra), sugerindo pensarmos que o negro e a população brasileira têm se tornado cada vez mais brancos (DIAS, 1994, p. 26).

A democracia racial

Edward Eric Talles, em seu livro “Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica” afirma que Gilberto Freyre, foi “quem expressou, popularizou e desenvolveu por completo a ideia de democracia racial que dominou o pensamento sobre raça dos anos 30 até começo dos anos 90”, apesar de não ter criado o termo e

de os elementos do conceito já haverem sido promovidos bem antes (TALLES, 2003, p. 50).

Freyre acabou por acreditar que a mistura de raças produzira uma “unidade de opostos” entre os estoques raciais, incluindo os senhores brancos e os escravos negros. Nos anos 40, referiu-se ao Brasil como uma “democracia étnica”, onde o termo “étnica” pode ter sido usado em lugar da noção cientificamente falsa de raça. Ao usar “democracia” estava se referindo à conotação espanhola do termo, que significa irmandade ou relações sociais fluidas mais que uma referencia a um tipo de instituição política (TALLES, 2003, p. 51).

Conforme Abdias do Nascimento, Florestan Fernandes, “qualificou de mito” a democracia racial (NASCIMENTO, 1982, p. 77). Florestan Fernandes, referindo-se à “Democracia Racial” como mito e realidade proporcionavam questionamentos sobre a democracia racial no Brasil, confirmando que ela constituiu uma distorção, negação: “A ideia de que existiu uma democracia racial no Brasil vem sendo fomentada há muito tempo. No fundo, ela constitui uma distorção criada no mundo colonial como contraparte da inclusão de mestiços no núcleo legal das grandes famílias”, ou seja, como negação a mecanismos efetivos de ascensão social do mulato (FERNANDES, 1987, p. 26).

Se por um lado possa haver comentários sobre a existência de uma democracia racial em nossa sociedade, por outro, pode notar resistência à uma democracia racial sem a presença de discriminação do negro. Essa situação racial pode ser constatada, por exemplo, em Florestan Fernandes. Segundo esse autor, qualquer iniciativa autêntica de proteger a ascensão igualitária do negro e do mulato esbarraria com dissensões e oposições arraigadas (FERNANDES, 1965, p. 200). O “negro” jamais encontrou no “branco” um ponto de apoio efetivo às tentativas de tomada de consciência de melhoria de sua situação histórico-social (FERNANDES, 1965, p. 204).

Segundo Florestan Fernandes; acostumados à situação existente no Brasil e confundimos tolerância racial com democracia racial. Democracia significa, fundamentalmente, igualdade social, econômica e política. No Brasil, ainda hoje não conseguimos construir uma sociedade democrática nem mesmo para os “brancos” das elites tradicionais e das classes médias em florescimento.

O padrão brasileiro de relação racial, ainda hoje dominante, foi construído para uma sociedade escravista, ou seja, para manter o “negro” sob sujeição do “branco”. Enquanto esse padrão de relação racial não for abolido, a distância econômica social e política entre o “negro” e o “branco” será grande, embora tal coisa não seja reconhecida de modo aberto, honesto e explícito (FERNANDES, 1972, p. 40-41).

Implicações da ideologia do “branqueamento” para a população negra brasileira

Em nossa sociedade, ao negro são atribuídas várias imagens negativas. Há uma desvalorização do negro dos pontos de vista físico, intelectual, cultural e moral. De certa forma, a cor negra e os traços negróides são considerados antiestéticos. A cultura e os costumes africanos são considerados primitivos, coisas de folclore. Há também, uma depreciação de sua inteligência e descrença na sua capacidade. Através da ideologia do branco, o negro é visto como primitivo e ignorante (BASTIDE, 1955, p. 159-192). O negro é discriminado também, quando lhe é atribuído a aparência de superioridade biológica. Refere-se a uma resistência física, longevidade e capacidade para trabalhos brutos (FERNANDES, 1972 p. 205-206). É uma superioridade aparente, pois se tratando de trabalhos que exigem maior preparo intelectual prefere-se o branco. Neste sentido, há cargos que para sua ocupação nem sempre negros são aceitos. Julgam os empregadores que as pessoas teriam dificuldade em manter contato ou aceitar funcionários negros em determinados cargos, Portanto, entendo que a ideologia do branqueamento, de fato, causa problemas em nossa sociedade; pois considerando o negro inferior ao branco, pode dificultar as relações entre as pessoas.

Uma questão de maior destaque nas implicações da ideologia do branqueamento para a população negra brasileira é a desigualdade de oportunidades na participação social, política e econômica; como pode-se observar na estrutura organizacional de cargos e funções no setor educacional da sociedade brasileira.

Quando se trata de serviços gerais, tais como, serventes, o negro é maioria.

Quando se trata de diretor, professor pós-graduado, mestre e doutor, o negro é minoria.

Quando o negro ocupa uma posição socialmente superior, geralmente é confundido com o branco. Isso é o que aconteceu com uma docente universitária; ela estranhou quando o pesquisador do Censo de 1980 anotou como branca a sua raça. Quando reclamou, alegando que sua cor estava mais para negro ou pardo, ouviu a seguinte resposta: “Mas a senhora não é professora da USP?” (NOVAIS, 1998, p. 231).

Implicação do branqueamento para a população negra pode ser observada como na FOLHA DE SÃO PAULO 25/06/95, quando confirma que – metade dos negros, diz concordar que “negro bom é negro de alma branca”. A partir da pergunta: “negro bom é negro de alma branca?”, foram obtidas as seguintes respostas: 36% concorda totalmente, 39% concorda em parte, 12% discorda totalmente, 8% discorda em parte e 5% não sabe (FOLHA DE SÃO PAULO, 1995, p. II). O resultado dessa pesquisa da FOLHA DE SÃO PAULO 25/06/95, com a pergunta: “negro bom é negro de alma branca?”, pode ser considerada implicação para a população negra porque demonstra certo desprestígio do negro, na medida em que a maioria dos entrevistados afirma que: “negro bom é negro de alma branca”.

Conclusão

Pelo que se pode entender referindo-se à ideologia, supõe-se um sistema de concepções para explicar uma situação, um fato ou um objeto. Em sociedade de classes, a ideologia poderá expressar e defender os interesses de uma ou outra classe.

A ideologia como um instrumento de controle das ideias e do comportamento das pessoas procura ocultar a realidade de exploração e dos interesses do poder dominante. Portanto, a ideologia tem como função assegurar uma determinada relação dos homens entre si e com suas condições de existência. Assim sendo, a ideologia procura adaptar os indivíduos às atividades prefixadas pelo poder dominante em nome de forças ocultas, superiores, destino, natureza ou da Sociedade.

A ideologia do branqueamento em nossa sociedade considera o negro inferior ao branco nas relações sociais; procura utilizar como suporte básico a considerada democracia racial. Com isso, quer convencer as pessoas de que temos uma convivência racial democrática. A suposta inferioridade do negro e superioridade do branco, sempre acontece de maneira velada. Para constatação do branqueamento social torna-se importante a observação criteriosa do funcionamento das relações entre negros e brancos, no mercado de trabalho, na educação, na religião, na política, no meio cultural e nos meios de comunicação em geral.

A educação familiar, até a educação formal merecem bastante destaque como transmissoras da ideologia do branqueamento. O ideal de branqueamento nas escolas poderá atender com bastante eficácia o objetivo de criar a dependência na pessoa negra, uma vez que a educação constitui um espaço social no qual a pessoa vivencia desde suas primeiras fases da vida. O livro didático é um instrumento bastante expressivo para observar o quanto a pessoa negra, e principalmente a criança é atingida pelo branqueamento em nossa sociedade.

A forma ideológica de branqueamento, ou seja, a ideologia do branqueamento, aceita pela maioria da elite brasileira após a Abolição da Escravatura continua presente em nosso meio social, porém, de maneira mais sutil. Desta forma faz-se necessário desconstruir essa ideologia e estabelecer a vida social entre as pessoas sem proporcionar valor maior para o ser branco. Desde os primeiros anos de vida deveriam ser oferecidas a todos indiscriminadamente oportunidades para tornarem-se cientes de sua capacidade e os meios de manifestarem suas potencialidades como integrantes de um povo multicultural/multirracial.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. SP: Mestre Jou, 1982.
- ALTHUSSER, Luis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa, Presença / SP: Martins Fontes, 1970.
- AZEVEDO, Thales. **Democracia racial: ideologia e realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- BASTIDES, A. **Relações sociais entre brancos e negros em São Paulo**. UNESCO - Anhembi, 1955.

- CAPALBO, Creusa. **Ideologia e educação**. SP: Convívio, 1978.
- CHAUI, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 9. ed. SP: Brasiliense, 1982.
- CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil**. SP: Cortez Editora, 2012.
- CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravidão no Brasil: 1850 – 1888**. RJ: Civilização Brasileira, 1975.
- CUNHA JÚNIOR, H.; LUIZ, M. C.; SALVADOR, M..N. “**A criança (negra) e a educação**”. Cadernos de Pesquisa, nº. 31, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1979.
- DIAS, P. M. **As imagens do negro no livro didático de história do Brasil**. 1994. Dissertação. (Mestrado em Filosofia da Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 1994.
- FERNANDES, Florestan. **A Integração do negro na sociedade de classes: o legado da “raça branca”**, volume I. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1965.
- FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. SP: Editora Difusão Europeia do Livro, 1972.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: Formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal**. 35ª ed. RJ: Record, 1999.
- GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. 3. ed. SP: Ática, 1980.
- HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. SP: Editora UNESP, 2006.
- IANNI, Octávio. **Raças e classes sociais no Brasil**. RJ: Civilização Brasileira, 1966.
- LOPES, H.T. “Educação e identidade”. **Cadernos de Pesquisa**, nº. 63, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1987.
- MACIEL, Cleber da Silva. **Discriminações raciais: negros em Campinas (1988 – 1921)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1987.
- MOURA, Clovis. **O negro: de bom escravo a mau cidadão?** RJ: Conquista, 1977.
- NASCIMENTO, Abdias. **O negro revoltado**. 2. Ed. RJ: Nova Fronteira, 1982.
- ROUANET, Sérgio Paulo. **Imaginário e dominação**. RJ: Tempo Brasileiro, 1978.
- RUFINO, Joel. **O que é racismo**. 9. Ed. SP: Brasiliense, 1985.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. SP: EPU, 1986.
- SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. RJ: Paz e Terra, 1976.
- TALLES, Edward Eric. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. RJ: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.
- TRIUMPHO, V. R. S. **O negro no livro didático e a prática dos agentes de pastoral negros**. Cadernos de Pesquisa, nº. 63, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1987.